
Dossiê

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ A DINÂMICA DAS RELAÇÕES RACIAIS: DADOS, ABORDAGENS E INTERSECÇÕES

Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle
Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política e do
Programa de Pós-Graduação de Sociologia da UFPel

Prof. Dra. Luciana Garcia de Mello
Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRGS

A discussão sobre a dinâmica das relações raciais na contemporaneidade aqui apresentada poderia refletir um balanço das ações do Estado e da sociedade frente a discriminação, intolerância e racismo, principalmente quanto aos avanços das ações afirmativas no caso do Brasil, frente às conquistas das lutas do movimento negro, na inclusão na constituição de 1988 do reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo, da lei de cotas, do ensino obrigatório de cultura afro-brasileira, do estatuto da igualdade racial. Ações que implementaram a possibilidade da ascensão social população negra, a diminuição da desigualdade e o arrefecimento do racismo, apontando para um horizonte de maior justiça social.

Porém, vivemos um período onde a intolerância racial, religiosa, machista, homofóbica, voltam a rondar a sociedade contemporânea. Atentados, violência policial, a não efetivação de direitos sociais, provavelmente como reação frente aos avanços sociais destas minorias, são cada vez mais constantes. Nesse sentido, discutir, através deste dossiê, as dinâmicas raciais na contemporaneidade pode trazer uma reflexão sobre os caminhos possíveis de uma sociedade menos intolerante e mais justa, desvelando as inflexões que ainda persistem nas relações sociais contemporâneas, no caso a sociedade brasileira e argentina.

A proposta deste dossiê é também refletir as dimensões dos aspectos interseccionais das relações de raça, gênero, classe, faixa etária e como elas interferem nas questões do reconhecimento dos direitos, da igualdade, seja racial, social ou de gênero. Em termos epistemológicos algumas das

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

reflexões trazidas pelos autores deste dossiê têm por base os teóricos pós-coloniais e pós-estruturalistas, o que implica também no questionamento das análises teóricas essencialistas e eurocentrista, ou seja, mais transversal e a de forma decolonial.

Assim, o dossiê está organizado em três blocos de artigos que discutem, em primeiro lugar, as relações raciais e a construção da identidade a partir do pertencimento espacial e a questão de classe. Já, o segundo bloco, a questão da relação entre raça, juventude e ações afirmativas serão aprofundadas, e, por fim, no último bloco, a discussão entre raça, gênero, religião e a discussão conceitual sobre raça.

No primeiro artigo, iniciando o primeiro bloco, Patrícia Pinheiro, discute o processo de construção da identidade das comunidades remanescentes de quilombo a partir dos processos de reivindicação territorial e racial. A autora mostra a apropriação e a ressignificação de identidades a partir das ações afirmativas, estas como resultado de conquistas da constituição de 1988. Essa construção identitária vai alterar as relações entre as comunidades da região de São Lourenço do Sul, local onde a diversidade étnica e racial sempre foi muito forte, mas desigual e em um contexto no qual as marcas e as construções identitárias vão muito além das fronteiras espaciais.

Leonardo da Silva traz a intersecção entre raça e classe, a partir do estudo de caso de na região de Barra Mansa e Volta Redonda. Através de uma metodologia de análise das fotos dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional, entrevistas realizadas no local, além dos documentos das Câmaras Municipais e da imprensa de divulgação da empresa, no período que vai da década de 40 a 80, do século XX. A pesquisa apresenta a contradição entre a estrutura da organização do trabalho, racialmente desigual, desfavorável aos trabalhadores negros, e a predominância do discurso desenvolvimentista que reproduzia a lógica da democracia racial.

Seguindo dentro lógica da relação entre trabalho e discriminação racial, Pedro Marchioro analisa os efeitos da vinda de trabalhadores migrantes para o Polo Naval de Rio Grande/RS, a partir de 2005, e relação com a população nativa. Para o autor esta relação será conflituosa resultando no surgimento do estigma do “baiano”. O estigma é decorrência do sentimento da ameaça que os de fora representam, reação do nativo frente a vinda de novas culturas que instabilizam a distribuição de recursos materiais e simbólicos que já existiam e as novas possibilidades a partir da instalação do Polo.

Evidenciando a relação entre raça e juventude, quatro artigos enfocam diferentes questões e abordagens interseccionais. Aldenora Macedo e Herculano Felipe abordam os perigos de ser jovem e negro no Brasil. A partir da revisão bibliográfica sobre o tema, analisam como a questão racial

justifica um processo de vulnerabilização do jovem negro, ressaltando o peso do racismo na violência urbana e a necessidade de políticas públicas que se preocupe com esta questão social.

No contraponto desta visão, Mari Fagundes traz a voz do Rap pelotense, como produtor de subjetivações e subjetividades, ressignificando as concepções e enunciações produzidas pelo sistema de justiça criminal. Reflete de que maneira as falas dos compositores reverberam nas verdades produzidas e reproduzidas socialmente. Em uma perspectiva foucaultina, a autora levanta a possibilidade de resistência através da enunciação de verdades pelos jovens negros.

Ainda na discussão sobre raça e juventude, Laudiceia Teixeira e Paulo Vieira fazem um balanço do Programa de Integração e Inclusão Étnico-racial (Pier/Unemat), de cotas para negros da Universidade do Estado de Mato Grosso. O artigo se foca na discussão da prorrogação do programa por mais dez anos. Segundo a pesquisa, tal medida não significou o fortalecimento de uma política pautada pela ação afirmativa, pelo contrário, ela pode ter por base a consolidação de práticas acadêmicas que tendem a dificultar, e no limite impedir, a presença negra no interior da universidade.

Outro artigo que também trabalha com a construção da ideia de juventude racializada, não no Brasil, mas na Argentina, é a pesquisa de Juan Zeballos, sobre a representação da mídia sobre raça. O autor, através de um levantamento empírico, analisa como as propagandas comerciais reforçam as identidades racializadas, fortalecendo uma visão e apropriações das raças ainda biologizadas, o que implica em um processo de “eugênização”, por parte da mídia, das relações sociais na Argentina.

O terceiro e último bloco inicia-se pelo artigo de J. Flávio Ferreira sobre religião, raça e gênero, analisando conceitualmente como os pesquisadores, principalmente os antropólogos, trabalharam a questão de gênero e raça no candomblé, questionando a visão eurocentrista a partir da crítica a colonialidade do poder de Anibal Quijano. A proposta do artigo é promover a reflexão epistemológica da produção antropológica sobre o candomblé que traga a visibilidade de um feminismo negro situado, localizado e enunciado a partir dos lugares, isto é, os terreiros.

Fechando o dossiê, Anny Ocoró Loango faz uma reflexão, sobre a construção da identidade racial afrodescendente na Argentina. A principal conclusão do trabalho é que existe um processo de valorização da negritude que possibilita a inclusão social e cultural, esse processo se dá com a formação de identidades para além da identificação racial fenotípica, mas por uma construção cultural do que é afro descendência na Argentina.

Em síntese, a proposta deste dossiê foi trazer artigos que problematizassem as relações raciais na contemporaneidade, no Brasil e na Argentina, de maneira interseccional e que

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

proporcionassem novas visões, novas reflexões sobre esta sociedade, onde as diferenças são possíveis e necessárias e que a intolerância, o racismo não estejam mais a pauta das relações sociais.

Desejamos a todos (as) uma boa leitura e reflexão!